

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA: educomunicação e a tecnologia *mobile* em tempos do Covid-19

THE FEDERAL UNIVERSITY OF RORAIMA: edcommunication in times of Covid-19

LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE RORAIMA: edcomunicação y tecnología *mobile* en tiempos de Covid-19

Sandra Maria de Moraes Gomes

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação na Amazônia (Universidade Federal de Roraima - UFRR). Professora efetiva do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Roraima. sandra.gomes@ufr.br.

 0000-0002-0357-550X

Leila Adriana Baptaglin

Pós-Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas em Nuestra América (Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez – UNESR, Venezuela). Professora efetiva do Programa de Pós Graduação em Educação na Amazônia e do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima. leila.baptaglin@ufr.br.

 0000-0002-8137-0913

Correspondência: Universidade Federal de Roraima, CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. BR 174, S/N, Aeroporto, 69310-270 - Boa Vista, RR – Brasil.

Recebido em: 15.03.2020

Aceito em: 03.04.2020.

Publicado em: 01.05.2020.

RESUMO:

Esta proposta investigativa busca analisar os processos educacionais mobilizados pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) na tentativa de continuidade das atividades durante o período da pandemia do Covid-19. Para isso foram mobilizados teóricos para discutir: o Covid-19; a Amazônia; a educação e a tecnologia *mobile*. A partir de uma investigação no portal da UFRR e de dados empíricos coletados com os Cursos de Graduação em Comunicação Social-Jornalismo e, Licenciatura em Artes Visuais percebemos dificuldades técnicas e didáticas. Contudo, a UFRR vem mobilizando diferentes estratégias como o documento #Aprendizagem Nunca Para a fim de pesquisar e viabilizar estratégias educacionais que façam uso da Educação à distância e da tecnologia *mobile*.

PALAVRAS-CHAVES: Educomunicação; Tecnologia *mobile*; Universidade Federal de Roraima.

Introdução

Em tempos de Covid-19, cuja rapidez no contágio fez com que a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretasse, em onze de março de 2020, a doença como uma pandemia¹, põe em problematização vários setores (político, econômico, social, cultural) de todos os países afetados. As mudanças repentinas forçam novas relações de trabalho, de estudo, de comunicação e de relacionamento.

No que tange à pesquisa na área de saúde, o isolamento social passa a ser a principal arma para alargar a curva de contágio. Esta estratégia propicia não colapsar o sistema de saúde dando tempo e evitando situações como as que tem sido evidenciadas

¹ Organização Mundial da Saúde classifica novo covid-19 como pandemia. (ONU, 2020)

em países como Itália e Espanha. Contudo, apesar do conhecimento destas estratégias, o que tem acontecido em outros países passa a se repetir no Brasil em vários estados.

O mundo repentinamente se isola dentro de casas e apartamentos. O trabalho passa a ser remoto, chamado home office, demandando equipamentos adequados, internet de qualidade, qualificação para atuar a distância. Um desafio para todos: indivíduos, sociedade e estado.

O Covid-19 foi descoberto no final de dezembro de 2019, na China, com os primeiros casos ocorridos no distrito de Wuhan, e é um tipo de vírus que causa infecções respiratórias graves (Ministério da saúde, 2020). Durante a elaboração deste artigo, feito entre os meses de março e final de abril de 2020, os registros são feitos diariamente e apontam curva de crescimento que aumenta dia após dia. Nessa fase de contágio, percebemos que quaisquer dados sofrerão mudanças drásticas e rápidas.

O estado de isolamento que passou a ser adotado em todo o mundo trouxe várias situações urgentes e emergentes, antes despercebidas ou cujas soluções foram postergadas. Além da saúde, visível em todos os níveis durante a pandemia, a Educação também é um desses gargalos. Ao tratarmos das tecnologias digitais no ambiente educacional, vemos a emergência da qual os especialistas já vêm apontando: a falta de estrutura para as redes de tecnologia digital, seja ela física - tamanho e qualidade da banda - ou em relação a capacitação dos docentes.

Ao estabelecer essas relações, vamos aqui nos deter ao Ensino Superior, objetivando “analisar os processos educacionais mobilizados pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) na tentativa de continuidade das atividades durante o período da pandemia do Covid-19”.

Com menos alunos que a Educação Básica e, com acadêmicos e docentes com uma iniciação prévia às tecnologias digitais, o Ensino Superior apresenta potencialidades promissoras de implementação de atividades educacionais, um aspecto que entendemos estar de acordo com o preceito de inovação, em especial com o uso das tecnologias *mobile*.

No entanto, o que percebemos, de forma mais atenta à realidade local, é que a Educação, que mais uma vez é confrontada com reações emergenciais, não está preparada para esse tipo de demanda. Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas tentaram, nas primeiras semanas de isolamento social, realizados em Boa Vista/RR a partir do dia 17 de março de 2020, reagir e não perder o semestre tentando continuar com sua programação normalmente.

Contudo, situações outras passam a ser evidenciadas. E, é neste sentido que os desafios das Novas Tecnologias têm sido relatados como urgente e emergente. Em tempos de COVID-19, a relação entre a Comunicação e a Educação passam a ter amplitude e conexões cada vez maiores, exigindo mais habilidades e competências para lidar com os desafios.

A plataforma *mobile* e seu uso na Educação é um imperativo, tendo em vista a inserção desta plataforma e as possibilidades que apresenta, sobretudo em relação às possibilidades de criação e compartilhamento imediatos, a sua característica mais desafiadora: a ubiquidade.

Este artigo é parte da pesquisa de doutoramento, que trata de Educomunicação e as interfaces com a tecnologia *mobile* no ensino Superior Público em Roraima. Uma das inquietações diz respeito a formação docente e discente frente às possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias com vistas à inovação.

Educomunicação e a *tecnologia mobile* em tempos do Covid-19

Ao propormos a discutir Educomunicação e a tecnologia *mobile*, estamos cientes de que mudanças, transformações e inovação fazem parte do contexto. Discutir esses conceitos em tempo de pandemia do Covid-19 é um desafio restrito não apenas a Educação, gestão ou quaisquer áreas. É um desafio que vai exigir um olhar multidisciplinar e transdisciplinar. Para todos: governos e sociedade - com urgência.

De Masi (2020) reforça a defesa pelo lado humano. Seus questionamentos iniciais lançam dúvidas que vão além das questões estruturais – as quais não foram sanadas e ecoam perguntas tão antigas quanto os problemas com os quais o mundo terá de lidar. Mas, de novo, não há garantias de que resolverá.

O que significa uma pandemia como essa para Roma, para a Itália, para a humanidade como um todo? Como ela age nas mentes e nos corações de todos nós que, armados com tecnologias poderosas e inteligência artificial, até poucas semanas atrás nos sentíamos os senhores do céu e da terra? (DE MASI, 2020, s/p)

O Covid-19, se não é o primeiro, é certamente o mais emergente desafio dos últimos quarenta anos, dando destaque ao século XXI que, apesar dos avanços tecnológicos ainda apresenta problemas estruturais. Sousa Santos (2020, p. 13) reforça isso ao colocar que “[...] a geração que nasceu ou cresceu depois da Segunda Guerra Mundial habituou-se a ter um pensamento excepcional em tempos normais”. Neste cenário, Sousa Santos (2020) destaca que apesar da normalidade aparente, desde a

década de 1980, com a implementação do neoliberalismo como uma versão dominante do capitalismo, vivemos em um permanente estado de crise e morbidez.

A economia, longe de ser a solução, é parte do problema. A desigualdade social amplifica a falência do sistema que agora está colocada em xeque pelo isolamento mundial. Situações problema estas que antes eram vistas sem alternativas ou mesmo impensadas, agora são mobilizadas e fazem parte da agenda política e social.

Mostra-se que só não há alternativas porque o sistema político democrático foi levado a deixar de discutir as alternativas. Como foram expulsas do sistema político, as alternativas irão entrar cada vez mais frequentemente na vida dos cidadãos pela porta dos fundos das crises pandêmicas, dos desastres ambientais e dos colapsos financeiros. Ou seja, as alternativas voltarão da pior maneira possível. (SOUSA SANTOS, 2020, p. 06)

O que Sousa Santos (2020) nos coloca é algo que já temos consciência. Contudo o acesso dos indivíduos aos meios de comunicação e às tecnologias digitais está longe de ser equânime. Assim, os países emergentes em regra aprofundam suas desigualdades, onde as carências econômicas e sociais, associadas à falta de políticas públicas efetivas, ainda não conseguem garantir o acesso de grande parte da população aos meios. Para os governos, favorecer o acesso da sociedade às novas tecnologias garante o seu desenvolvimento e crescimento econômico (Gomes, 2009), no entanto, faltavam alternativas para essa operacionalização. Alternativas essas que agora passam a entrar na roda de discussões e na constante busca de alternativas.

Em educação, o planejamento se baseia em modelos criados tendo por base contextos bastante diferentes das características locais, que formam as distintas realidades ao redor do mundo (Gomes, 2009). Realidades que passam a demandar alternativas de operacionalização.

Assim, ao que tange ao âmbito educacional, temos que até o final de março, cerca de 1,5 bilhão de estudantes em 165 países foram afetados pelo fechamento das escolas em virtude da pandemia da Covid-19. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2020) o percentual de estudantes atingidos chega a 87% em todo o mundo.

Com objetivo de minimizar os impactos para crianças e jovens mais vulneráveis, o órgão lança uma coalizão global de educação para práticas em educação a distância². O

² Os parceiros multilaterais, incluindo Organização Internacional do Trabalho (OIT), ACNUR, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Organização Mundial da Saúde (OMS),

alerta é de que nunca houve uma interrupção educacional nessa escala antes. A diretora da Unesco, Audrey Azoulay aponta que:

A parceria é o único caminho a seguir. Esta coalizão é um apelo para a ação coordenada e inovadora, para desbloquear soluções que não apenas darão suporte imediato a estudantes e professores, como também por meio do processo de recuperação com o principal foco na inclusão e na equidade. (UNESCO, 2020, s/p)

Na preocupação com a equidade há dois aspectos a considerar: Estudantes vulneráveis, sem acesso a serviços sociais básicos, desde saúde a alimentação; Estudantes sem acesso à internet inviabilizando o ensino remoto. Temos visto que os desafios são tão grandes quanto complexos, no esforço de fornecer suporte as instituições educacionais, aos professores, aos pais e estudantes.

O que temos então, é que a crise trazida pela Covid-19 desnuda claramente as deficiências, ausências e incapacidades estruturais, acelerando a urgência/emergência no enfrentamento de aspectos que não conseguimos equacionar por falta de alternativas ou principalmente, por negarmos pensar nas alternativas.

Na Coalizão Global de Educação chamada pela UNESCO (2020), o modelo proposto dá ênfase à igualdade e à equidade entre homens e mulheres e entre os países, de acordo com as reuniões entre os Ministros da Educação. O objetivo é encontrar soluções para os desafios globais, como conectividade e conteúdo.

Entre os parceiros, instituições privadas como Microsoft, Google, Facebook, Coursera, KPMG, entre outros, contribuem com recursos e expertise, “[...] em conectividade e no fortalecimento de capacidades. As empresas que usam dados educacionais e de estudantes se comprometeram a manter padrões éticos” (UNESCO, 2020). Iniciativa da mídia também merecem ser destacadas a partir do momento em que passam a mobilizar estratégias para produzir material educacional para ajudar jovens isolados a compreender o Covid-19.

Os esforços da UNESCO são promissores e planejam envolver, e atender, crianças, jovens, professores e famílias. Saber se instituições sociais e governos conseguirão

Programa Mundial de Alimentos (WFP) e União Internacional de Telecomunicações (UIT), bem como Parceria Global para a Educação, Education Cannot Wait, Organização Internacional da Francofonia, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e Banco de Desenvolvimento Asiático se uniram à coalizão, destacando a necessidade de apoio rápido e coordenado aos países, a fim de mitigar os impactos adversos do fechamento de escolas, em particular para os mais desfavorecidos. (ONU, 2020)

implementá-los e se manterão seu compromisso após o protocolo do isolamento social é algo que futuros trabalhos poderão discutir.

Observamos, no entanto, as emergências que o Covid-19 impôs ao mundo. Governos e organizações que se achavam autossuficientes foram surpreendidos e obrigados a parar – e mesmo recuar – em suas ações. Assim, junto à repercussão em escala global temos a urgência em redimensionar planos e metas de ação em todos os países do mundo.

A falta de sincronismo entre metas e suas implementações são um ponto importante dos problemas educacionais. Martín Barbero (2000) destaca uma crítica em relação à educação e a política educacional colocando que a compartimentalização é parte relevante do problema.

É preciso ver e atuar no todo. Tal ação infunde sua própria viabilidade como nação “[...] tanto política quanto cultural, tanto social quanto laboral, já que tudo isso passa pela necessidade de que o ecossistema comunicacional se articule e se organize com as dinâmicas da cultura e da educação” (MARTÍN BARBERO, 2000, p. 52).

O alerta do autor é de que, mais do que estrutural, mais do que física, o problema está na estrutura pedagógica do ensino, que ainda permanece autoritário e vertical. Sendo assim, não dialoga com a cultura e com as necessidades do país e inserir as novas tecnologias significa ampliar os obstáculos e as dificuldades da educação, do ensinamento, da construção do conhecimento e a barreira existente entre ambiente acadêmico e aluno.

Tal perspectiva não é possível de ser alcançada a partir de políticas governamentais que são conjunturais e imediatistas. São necessárias políticas de estado de longo alcance, levando em conta os desafios culturais da educomunicação. “Penso que nada pode prejudicar mais a educação do que nela introduzir modernizações tecnológicas sem antes mudar o modelo de comunicação do sistema” (MARTÍN BARBERO, 2000, p. 52).

A partir de sua visão acerca da América Latina, Martín Barbero (2000) nos coloca que o sistema educacional não parece interessado em mudar o seu modelo comunicativo pedagógico e isso é um autoengano porque enquanto permanecer

[...] a verticalidade na relação docente e a sequencialidade no modelo pedagógico não haverá tecnologia capaz de tirar a escola do autismo em que vive. Por isso, é indispensável partir dos problemas de comunicação antes de falar sobre os meios de comunicação (MARTÍN BARBERO, 2000, p. 52-53).

Assim, vivemos hoje em um contexto onde a capacidade produtiva depende mais da "[...] informação e do conhecimento do que das máquinas. Mais da inteligência do que da força" (MARTÍN BARBERO, 2000, p. 53). Diante dessa perspectiva passamos a utilizar o termo Educomunicação o qual tem em suas raízes a Comunicação popular.

Segundo Marques e Talarico (2016) a Comunicação Popular na América Latina é fruto de uma ação politizada na década de 1960. A partir daí, surge a Comunicação Popular, expressando claramente a opção política de apresentar os meios de comunicação para a população. É nesse sentido então que, trabalhar com a realidade e os saberes locais surge como uma alternativa de inovação às problemáticas atuais.

Ao que tange ao campo educacional, a prática educ comunicativa é vista como uma dessas alternativas a serem desenvolvidas em associação a um ideal de superação da forma tradicional de relação professor-aluno. A Educomunicação está, de alguma forma, relacionada ao diálogo, ao irrestrito direito à voz e ao respeito à diversidade (Marques e Talarico, 2016).

Temos assim, que a Educomunicação não se limita a sujeitos coletivos ou a determinados lugares sociais ou políticos. Seu foco está na educação pelo processo e seu campo volta-se a todos os espaços educativos – sejam eles as salas de aula ou as salas das casas, as praças e centros comunitários, ou simplesmente o espaço político (e não físico) das relações que se dão no tecido social.

Paulo Freire já nos alertava sobre isso quando nos coloca que:

[...] o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade de pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele que não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Daí que deve ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos, de uma realidade (FREIRE, 2016, p. 114).

As considerações de Paulo Freire (2016) são pertinentes em tempos de Covid-19. No Brasil, há dois tipos de educomunicação: na década de 1960 e ainda em curso, aponta para a *interdisciplinaridade unificadora*, também chamada de estrutural. O segundo movimento, que remete a interlocução do novo campo com outros campos do conhecimento, apontando para uma *interdisciplinaridade heterogênea* ainda vacilante na soma e na ressignificação de informações de diversas disciplinas (MARQUES E TALARICO, 2016, p. 439).

É nessa interdisciplinaridade que processos educacionais passam a se apropriar de tecnologias *mobile* existentes e deveriam ser implementados com suas diferentes estratégias em situações locais da educação. Na Educação Superior este também é um desafio e cabe a cada local implementar as alternativas formativas condizentes com os recursos e com a realidade apresentada.

Educomunicação na Amazônia

Em se tratando de Amazônia, sua dimensão e diversidade ditam os fatos. A dimensão internacional da Amazônia fala sobre a formulação, implementação de políticas de desenvolvimento regional e nacional. Aragón (2018) se refere ao compartilhamento da Amazônia por diversos países, ao seu papel nas mudanças climáticas e a sua abundância de recursos naturais (como água e biodiversidade) como questões que têm demandado cada vez mais atenção em todas as economias do mundo.

Pan-Amazônia, Amazônia continental, Amazônia sul-americana, Grande Amazônia e outros termos tornaram-se necessários para se referir à Amazônia como um todo, e diferenciá-la da Amazônia nacional em cada país que compartilha a região.

Pouco conhecimento existe em cada país sobre a Amazônia dos demais países, ou da região como um todo. Esse desconhecimento leva à formulação de políticas sem considerar as consequências que podem trazer para a Amazônia dos demais países. Não existe uma unidade política de atuação da Pan-Amazônia. O que há é somente iniciativas nacionais sem maior cooperação, ou responsabilidade, com os países vizinhos. A dimensão internacional da Amazônia em nível regional refere-se precisamente a seu compartilhamento por diversos países (ARAGÓN, 2018).

Ao visualizar as características da região Norte, suas grandes distâncias e, em particular Roraima, com sua realidade de fronteiras, o uso das tecnologias torna-se um desafio maior, tendo em vista seu tamanho, diversidade cultural e econômica como estado pertencente a Amazônia legal.

Refletir nesse contexto de hiperconectividade e produção de conteúdo nos desafia a querer identificar e criar caminhos para uma educação mais autônoma e eficiente, voltada para as necessidades do indivíduo. Alia-se ainda às possibilidades que as IES podem oferecer para incrementar os saberes no mundo digital e tecnológico da atualidade (GOMES, 2009).

No entanto, é preciso ter cuidado com a sensação de equidade das tecnologias. Nesse caso, não apenas a tecnológica, mas também de domínio das linguagens. O aspecto democrático e o sentido de democracia que parece ser inerente aos meios é

ilusório, aponta Citelli (2015), por vários motivos, além dos tradicionais jogos de poder institucionais.

A diversidade entre os públicos, que se estende ao aparato tecnológico e seu alcance, a cultura, o nível de escolaridade, entre outros, derruba a tese da democracia entre os meios. Citelli (2015), aponta o alcance global adquirido pelas redes digitais, que nos dá a sensação de que existe uma livre circulação de informações, bem como a impressão de que existe um controle democrático nos jogos institucionais de poder.

Se assim fosse, aponta Citelli (2015), seria fácil aos movimentos sociais - investindo nos ambientes virtuais - conseguir a mesma visibilidade que outras pautas importantes para a manutenção do sistema. Sob essa ótica, também a Educação conseguiria se equiparar em importância e visibilidade, o seu alcance junto aos sujeitos sociais, ampliando seu poder formativo utilizando as plataformas digitais de ensino a distância

Diante do cenário atual, do ano de 2020, esta discussão sobre o uso das tecnologias digitais no Ensino Superior se faz necessária, ainda mais com as consequências do isolamento social alavancado pelo Covid-19. Assim, com o início do ano letivo de 2020 a Universidade Federal de Roraima/UFRR, acata a Portaria nº 343 do Ministério da Educação (MEC) de 17 de março de 2020 e implementa a Portaria Normativa 01/2020 - GR/UFRR que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação do Covid-19.

De acordo com esta portaria as instituições que optarem pela substituição de aulas presenciais por aulas digitais devem comunicar ao Ministério da Educação (MEC) no período de até quinze dias tendo como importante destacar que não houve dispensa no cumprimento da carga horária e dias letivos. Uma terceira via indicada pelo MEC é alteração do calendário de férias, mas também com a exigência de que sejam cumpridos os dias letivos e as horas aula.

Em 19 de março foi editada pelo MEC a Portaria nº 345 que aplica substituição de aulas presenciais diante da pandemia do Covid-19, onde o MEC retirou a menção feita a uma possível limitação para aplicação de aulas à distância. Ainda na Portaria nº 343 o MEC recomenda que nas universidades seja suspenso por dois meses as defesas presenciais de teses e dissertações que poderão ser realizadas através dos meios virtuais.

É importante destacar a diferença existente entre o modelo proposto pelo MEC e a Educação à Distância/EaD tradicional. NA EaD, há apoio de tutores, que não são necessariamente os professores das disciplinas, além do que o tempo de estudo é decidido pelo aluno, ou seja, auto instrucional. No modelo atual, as aulas são em tempo

real, ministradas remotamente pelos professores das disciplinas e, em sua maioria, ministradas no horário convencional da aula.

Há uma nova logística sendo implementadas pelas IES que exige dos professores metodologia específica, usando recursos tecnológicos onde a tecnologia *mobile* passa a ser um elemento central.

Apontamos esta especificação para destacar que estamos com normativas que sugerem a implementação do ensino ser ministrado remotamente, trabalhando os conteúdos em plataformas digitais, com a tecnologia *mobile*. Todavia não há estatísticas divulgadas sobre número de alunos e professores com acesso a equipamentos e a conexão de qualidade, portanto, que ficariam sem acesso às aulas. Isso pode ser dito ao que se refere ao Brasil, mas especificamente ao que se refere as IES de Roraima as quais sabemos já vem fazendo, no mês de abril, levantamento dos dados estatísticos sobre a situação.

O MEC discute melhorias e soluções para os problemas encontrados. Com o apoio das operadoras de telecomunicação e empresas de hardware, buscam disponibilizar os meios para favorecer aos alunos o acesso aos conteúdos disciplinares, tendo em vista o grau de vulnerabilidade destes alunos, que influenciam na participação e aproveitamento acadêmico.

Cabe destacar ainda, que este não é o único problema, é apenas a parte técnica. Ficamos a mercê da parte pedagógica/didática que necessita de preparo tanto para o docente como para o discente. Pensar em estratégias educacionais que atendam essas necessidades globais e ainda pensar nas estratégias locais é o grande desafio que passamos a problematizar.

UFRR e os desafios das práticas educacionais

Uma das mais jovens IES do país, a UFRR, completou 33 anos em 2019 e traz em seus quadros mais de 7.500 alunos, incluindo os ingressantes em 2020.1. São 49 cursos de graduação e 725 professores, sendo 295 doutores, 289 mestres, 89 com especialização e 65 com formação na graduação, de acordo com o Painel de Dados da Instituição (UFRR, 2020).

A partir de dezessete de março de 2020, a UFRR inicia o plano de ação para conter a transmissão do Covid-19 e publica a Portaria 001/2020 – GR/UFRR, que normatiza e

abre uma página no site para acompanhamento das ações institucionais³. Ali, a preocupação maior é com as ferramentas administrativas, com orientações para a comunidade acadêmica, sobre acesso e uso do Sistema SIGAA. Essa portaria estabelece o Regime Acadêmico Especial (RAE). Na portaria temos a proposta de estudo dirigido, desenvolvimento de projetos e conferências metapresenciais.

Para elucidar algumas situações evidenciadas no que tange ao RAE temos os dados de disciplinas do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFRR. No curso de Licenciatura em Artes Visuais, a resposta à indagação acerca do acesso à internet para a efetivação das atividades foi de aproximadamente 10% dos alunos das 2 turmas investigadas.

No Curso de Comunicação Social - Jornalismo, o percentual foi aproximadamente o mesmo. Pela proximidade profissional do Curso com as tecnologias, os alunos que responderam a investigação destacaram um significativo tempo de uso do acesso à internet pelo celular para realização do trabalho remoto. Muitas das atividades voltam-se para a elaboração de pauta jornalística, produção de matérias e contato com a equipe na externa e no estúdio de TV aos que além de estudar, trabalham.

O tempo de conexão no trabalho excede em 2h para cada sujeito participante da pesquisa. Assim, para os estudantes de Comunicação Social - Jornalismo, a conexão é uma realidade, mesmo que a maioria não tenha um plano de dados de internet ilimitado, o aparelho móvel se insere fortemente no trabalho e lazer de todos os acadêmicos. Assim como em todas as esferas do mundo contemporâneo, a conexão através de aparelhos móveis é uma realidade.

Saber como inserir as novas tecnologias no conteúdo curricular é um desafio e uma emergência. Esta situação, elucidada aqui por apenas dois cursos da UFRR, está sendo investigada pela UFRR, no mês de abril e maio de 2020 a fim de apresentar dados analisáveis para implementação de alternativas. Com isso, em vinte e três de março a UFRR implementa as Portarias 004 e 005/2020 – GR/UFRR que suspende o RAE e as atividades acadêmicas presenciais e remotas na UFRR e; estabelece, organiza e normatiza os serviços essenciais que devem ser mantidos presencialmente na Instituição, respectivamente.

³ As informações de orientação quanto ao regime acadêmico especial permanecerão em atualização nesta página de acordo com a evolução do quadro da covid-19 no estado de Roraima. Disponível em: <http://ufr.br/regimeacademicoespecial/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=18&Itemid=102>. Acesso em: 05 abr. 2020.

Esta deliberação deve-se muito, conforme elucidado nos dois cursos investigados: pela dificuldade de acesso dos alunos e professores; pela dificuldade de organização de conteúdos disciplinares para execução das atividades programadas tendo em vista que os professor não tem formação específica para atuar com as mídias digitais e com elaboração de atividades educacionais que deem conta da aprendizagem; dificuldade do Sistema SIGAA em comportar o número de informações arquivadas e o número de acessos ao mesmo tempo. Estas são apenas algumas das dificuldades locais que inviabilizaram a realização do RAE.

Aqui há um ponto fundamental em relação a aplicabilidade do ensino remoto. As ferramentas para sua realização devem ser melhoradas – e ampliadas. Além de termos um retrato da clientela envolvida para a realização das aulas remotas – professores e alunos, a parte técnica também tem importância fundamental. A qualidade da banda de internet em Roraima é bastante reduzida. Alimentada por Manaus e Belém, a transmissão em fibra ótica, quando sofre uma pressão maior na demanda, o sistema falha. Assim, parte dos usuários dependem do sistema 4G, com as operadoras de telefonia celular atendendo todo o Estado: Claro, Oi, TIM, Vivo.

Um outro problema evidenciado é que a maioria dos estudantes não tem pacotes de dados suficiente para atender a demanda de exercícios, vídeoaulas, webconferências e, muitos deles não tem acesso à internet em suas residências seja por não terem condições de manter economicamente o acesso, seja por residirem em áreas em que a rede de internet não chega.

Os aparelhos móveis também não têm um padrão de qualidade semelhante para todos os estudantes. Os modelos variam entre bom pacote de memória até quase nenhuma capacidade de memória nos smartphones.

É neste limiar que Paulo Freire (2016, p. 167) nos coloca que a educação “[...] tem de constituir-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicamente compartilhada, simplesmente bem “comportada”, mas, na complexidade de seu permanente vir a ser”. E é pensando em não reproduzir esse aprendizado mecanicamente compartilhado ou excludente que, na busca por manter a equidade, o RAE foi suspenso e as aulas remotas, canceladas. Esta decisão foi reforçada no mês de abril com a Portaria Normativa 006/2020 – GR/UFRR que mantém suspensas as atividades.

Contudo, diante do alargamento da situação, ainda no mês de abril, a UFRR passa a implementar estratégias de investigar a realidade dos discentes e docentes a partir do #Aprendizagem Nunca Para, um “[...] documento orientador para a discussão e

planejamento do calendário acadêmico da UFRR diante dos desafios apresentados pela Covid-19” (PROEG/UFRR, 2020).

Neste documento são apresentados alguns problemas, os vetores descritores dos problemas e, ações e operações. Dentre as ações e operações temos:

- Elaboração de um concurso acadêmico para a construção de projetos de intervenção interdisciplinar em temas relacionados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU, que sofrerão impacto direto ou indireto com a pandemia da COVID-19.
- Identificar a quantidade de alunos sem possibilidade de acesso remoto às redes virtuais.
- Explorar a disponibilidade de recursos de alta, média e baixa densidade tecnológica para atividades de ensino-aprendizagem remotas no âmbito da UFRR.
- Definição dos objetivos de aprendizagem dos componentes curriculares que podem ser cobertos por atividades de ensino remoto.
- Identificação do período mínimo para cumprimento da carga horária dos componentes curriculares, contemplando tanto a carga horária de aulas quanto a de estudo independente dedicado a cada componente.
- Elaboração de propostas de calendário contemplando três cenários: retorno das atividades em 90, 120 e 180 dias, estimando o menor impacto possível para o calendário do próximo ano letivo. (PROEG/UFRR, 2020, p. 11-13).

Este documento #Aprendizagem Nunca Para é uma ação que passa a ser viabilizada para promover ações durante o período isolamento social, mas também preparar a IES para o momento de retorno às atividades presenciais. Neste limiar já temos a mobilização dos Centros e das Unidades acadêmicas de Graduação; da Pós-Graduação; da Educação Básica e Tecnológica e; do Colégio de Aplicação, realizando reuniões virtuais a fim de analisar os componentes curriculares e a investigar das alternativas didáticas a serem operacionalizadas.

Fica claro aqui a preocupação da UFRR em estabelecer estratégias para a continuação das atividades mobilizando a Educação à distância, a tecnologia *mobile* e outras construções que levam em conta os pressupostos da Educomunicação em atendam a realidade dos docentes e discente.

Considerações Finais

Com a crise trazida emergencialmente pelo COVID-19, podemos aproveitar para identificar, de forma mais atualizada os problemas da rede de ensino no Brasil e aprender, enquanto gestores e componentes da rede de ensino, a buscar soluções para as questões dos gaps tecnológicos.

Alguns países já avançam nas estatísticas para estabelecer parâmetros de investimentos e estabelecer políticas públicas com vias a sanar os problemas estruturais. No entanto, ainda se caminha de forma lenta para efetivar mudanças que as novas gerações dos ensinos fundamental, médio e superior tanto necessitam.

No Brasil, o isolamento social causado pelo Covid-19 expõe de forma aguda os problemas do ensino. As deficiências técnicas/estruturais são as mais urgentes e emergentes e envolvem desde acesso à internet e a baixa qualidade da banda de internet, passando pelo domínio/capacitação de docentes e discentes acerca das possibilidades/potencialidades do ensino remoto – implementado de maneira coerente com a faixa etária e curva de aprendizado, sem pleitear fórmulas mágicas para sanar lacunas de conteúdo e aprendizagem.

As potencialidades do ensino remoto passam também pelo número de alunos que possuem acesso à internet e equipamentos que possibilitem a realização das atividades acadêmicas. Assim, a existência de laboratórios, linguagens e abordagens adequadas às novas plataformas digitais com o uso da tecnologia *mobile* é algo necessário para a operacionalização do ensino remoto,

Na UFRR buscou-se, após uma semana de experimentação com o RAE, o princípio da equidade tendo em vista que a maioria ou parte dos alunos dos cursos, principalmente de graduação da UFRR, não possuem computadores ou internet em casa para dar conta dos conteúdos ministrados a distância. Professores também registram dificuldades em elaborar conteúdo ou postar no Sistema acadêmico, o SIGAA. As dificuldades referem-se tanto a acesso ao material de estudo para alunos em grau de vulnerabilidade, com pouco ou nenhum acesso às tecnologias digitais.

O isolamento social trouxe à luz as dificuldades estruturais, diante disso, apontamos que a UFRR pode transformar essa crise e sair dela, como já vem fazendo com a #Aprendizagem Nunca Para. Seus 33 anos, sendo uma IES jovens, podem ser usados como vantagem, garantindo agilidade e fluidez a partir da inovação e das parcerias captadas pela internacionalização.

Em março de 2020, o Brasil e o mundo enfrentam um desafio global cujos desdobramentos ainda são difíceis de projetar. Sabe-se que o isolamento social imposto pelo Covid-19 vai mudar a face do globo, impondo dificuldades políticas, econômicas, sociais e educacionais. Países emergentes, como o Brasil, carecem ainda de metas claras que possam agregar uma reação conjunta e coesa por parte de parcela da sociedade. Talvez a Amazônia, cuja importância tem crescido cada vez mais ao longo das últimas

décadas, possa acender um farol para as próximas gerações. Como responderemos a este desafio, só o tempo dirá.

Referências

- ARAGÓN, Luis Eduardo. (2018). A dimensão internacional da Amazônia: um aporte para sua interpretação. Universidade Federal do Pará (UFPA). Disponível em:
<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/5676/4254> MARTÍN->.
Acessado em: 20 mar. 2020.
- CITELLI, Adilson. (2015). Tecnocultura e educomunicação. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 2, p. 63, dezembro. Disponível em:
<<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma>>. Acessado em: 12 mar. 2020.
- DE MASI, Domenico. (2020). Coronavírus anuncia revolução no modo de vida que conhecemos. Folha de São Paulo, São Paulo, 22/03/2020. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/03/coronavirus-anuncia-revolucao-no-modo-de-vida-que-conhecemos.shtml>>. Acessado em: 25 mar. 2020.
- FREIRE, Paulo. (2016). Pedagogia do Oprimido. 60 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GOMES, Sandra Maria de Moraes (2009). A educação a Distância na formação Superior em Roraima: um estudo de caso sobre a licenciatura em Pedagogia da FARES/RR. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas.
- MARQUES, Fernanda Telles; TALARICO, Blueth Sabrina Lobo Uchoa. (2016). Da comunicação popular à educomunicação: reflexões no campo da "Educação como cultural". Atos de Pesquisa em Educação, Blumenau – vol. 11, n. 2, ago./nov. 2016, p.422-443.
- MARTÍN BARBERO, Jesus. (2000). Desafios culturais da comunicação à educação. Comunicação & Educação, (18), 51-61. Disponível em:
<<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61>>. Acessado em: 03 jan. 2000.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, MEC, Brasil. PORTARIA Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acessado em: 22 abr. 2020.

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, MEC, Brasil. PORTARIA Nº 345, DE 19 DE MARÇO DE 2020. Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020. Disponível em: https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-345-2020_390992.html. Acessado em: 22 abr. 2020.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. (2020). O que é Coronavírus. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acessado em: 31 mar. 2020.
- ONU. (2020). Coronavírus: UNESCO reúne organizações, sociedade civil e setor privado em coalizão pela aprendizagem. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/coronavirus-unesco-reune-organizacoes-sociedade-civil-e-setor-privado-em-coalizao-pela-aprendizagem/>. Acessado em: 31 mar. 2020.
- ONU. (2020). Organização Mundial da Saúde classifica novo covid-19 como pandemia. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/organizacao-mundial-da-saude-classifica-novo-coronavirus-como-pandemia/>. Acessado em: 20 mar. 2020.
- UFRR (2020). Painel de Indicadores da UFRR. Disponível em: <https://painel.proeg.ufr.br/discente/resumo>. Acessado em: 12 fev. 2020.
- PROEG/UFRR (2020). - #Aprendizaje Nunca Para. Disponível em: <http://ufr.br/conselhos/>. Acessado em: 22 abr. 2020.
- UFRR/GR. Portaria Normativa 001/2020-GR/UFRR. Regulamentar o Regime Acadêmico Especial – RAE para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). Disponível em: http://ufr.br/conselhos/index.php?option=com_phocadownload&view=categor&id=602:2020&Itemid=403. Acessado em: 22 abr. 2020.
- UFRR/GR. Portaria Normativa 004/2020-GR/UFRR. Tornou sem efeito a Portaria Normativa UFRR/GR nº 001, de 16 de março de 2020 e instituiu o Regime Acadêmico Especial (RAE) no âmbito da UFRR. Disponível em: http://ufr.br/conselhos/index.php?option=com_phocadownload&view=categor&id=602:2020&Itemid=403. Acessado em: 22 abr. 2020.
- UFRR/GR. Portaria Normativa 005/2020-GR/UFRR. Organiza os Planos de Trabalho dos serviços essenciais da UFRR. Disponível em: http://ufr.br/conselhos/index.php?option=com_phocadownload&view=categor&id=602:2020&Itemid=403. Acessado em: 22 abr. 2020.
- UFRR/GR. Portaria Normativa 006/2020-GR/UFRR. Dispõe sobre as medidas de prevenção e adequação do funcionamento da Universidade Federal de Roraima (UFRR) às determinações oficiais referentes à emergência de saúde pública de

importância internacional decorrente do Coronavírus (COVID-19). Disponível em: <http://ufrr.br/conselhos/index.php?option=com_phocadownload&view=category&id=602:2020&Itemid=403>. Acessado em: 22 abr. 2020.

UNESCO. (2020). Fechar escolas desestabilizou vida de crianças; como podemos ajudá-las a continuar aprendendo. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/artigo-fechar-escolas-desestabilizou-a-vida-de-criancas-em-todo-o-mundo-como-podemos-ajuda-las-a-continuar-aprendendo/>>. Acessado em: 22 abr. 2020.

SOUSA SANTOS, Boaventura S. (2020). A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Edições Almedina S. A.

ABSTRACT:

This investigation proposal seeks to analyze the educommunicational processes promoted by the Federal University of Roraima (UFRR) in its attempt to continue activities during the Covid-19 pandemic period. To this end, the following topics were raised for discussion: Covid-19; the Amazon; educommunication and mobile technology. Through an investigation at the UFRR portal and empirical data collected with the Undergraduate Courses in Social Communication-Journalism and, Licentiate in Visual Arts, we found technical and didactic difficulties. However, the UFRR has been promoting different strategies such as the document #Learning Never Stops in order to study and enable educommunicational strategies that take advantage of Distance Learning and mobile technology.

KEYWORDS: Educommunication; Mobile technology; Federal University of Roraima.

RESUMEN:

Esta propuesta de investigación busca analizar los procesos de educomunicación movilizados por la Universidad Federal de Roraima (UFRR) en un intento de continuar las actividades durante el período de la pandemia de Covid-19. Para eso, los teóricos fueron movilizados para discutir: Covid-19; el amazonas; educomunicación y tecnología *mobile*. A partir de una investigación en el portal UFRR y los datos empíricos recopilados con los cursos de pregrado en Comunicación Social-Periodismo y, Licenciatura en Artes Visuales, nos dimos cuenta de dificultades técnicas y didácticas. Sin embargo, UFRR ha estado movilizando diferentes estrategias, como el documento #Aprendizaje Nunca Para, con el fin de investigar y habilitar estrategias educomunicacionales que utilicen la educación a distancia y la tecnología *mobile*.

PALABRAS-CLAVES: Educomunicación; Tecnología *mobile*; Universidad Federal de Roraima.